

Um aperto de mãos a todos!

Aqui estou eu outra vez para continuar a conversasinha sobre essa história tão importante para os verdadeiros "fans": o Cinema de Amadores. Nem tudo quanto se liga ao assumpto pôde e deve ser tratado com a extensão a que a questão da camara (o essencial, está visto) me obrigou. Talvez eu tivesse parecido um pouco cacetador nessas linhas em que pretendi mostrar a vocês todos qual a camara a que a gente se deve cingir de preferencia para poder obter alguns "shots" dignos de um amator de verdade; mas o facto é que a necessidade a isso me obrigou.

Mas agora chega a vez de conversar com vocês sobre o film, o film em si, está claro, porque a gente de casa, o pessoal que anda á nossa roda, esse não vae prestar muita attenção ao cuidado que se prestou ao trabalho, etc.

Tudo isso merece attenção, eu sei, mas afinal de contas todo amator deve ter o seu orgulhosinho do trabalho effectuado, pelo menos para uso proprio, e depois, olhem: William Shoemaker, que é o editor da revista "Cine-Kodak News", publicada pela Eastman Kodak Co., diz que são sete os erros que todo amator pôde commetter, isto é:

Exposição em demasia.

Pouca firmeza no acto de segurar a camara.

Falta de arte na composição do assumpto.

Falta de exposição.

Inclinação da camara para cima, para baixo ou pra os lados.

Um angulo de camara mal escolhido.

Lentes sujas...

Esses erros eu sei, precisam ser evitados, mas tambem, si ninguém em casa, no circulo que não é absolutamente de amadores mas sim de curiosos, pôde nem ao menos suspeitar da existencia desses mesmos erros, está claro que não irão prestar muita attenção a elles.

A questão toda reside no interesse que o film a ser exhibido irá despertar entre essa platêa intima de curiosos, de parentes, de amigos intimos, e de quatro ou seis amadores convictos no maximo.

Si o assumpto escolhido para ser filmado pelo amator foi um assumpto de familia, isto é, o garoto da irmã mais velha brincando com a mamadeira, o nosso cunhado mudando as fraldinhas do nosso sobrinho de quatro ou oito mezes, ahi o film fará indiscutivelmente successo, mesmo que o amator incinda em algum dos sete erros apontados; mas o successo se restringirá apenas ao circulo da nossa familia e dos nossos amigos mais chegados. Porque o resto ficará bem impressionado, poderá ser, mas nunca será levado por um interesse mais cinematografico.

Para se dar isso, é preciso que o assumpto filmado, ou antes, produzido por vocês, minha gente, seja um assumpto de enredo, um assumpto que prenda a attenção. Para isso, a primeira coisa a se fazer é escolher uma historia. Depois, scenarisa-la, depois de submettel-a a umas tantas ou quantas modificações necessarias para quem quer ter a pretensão de fazer um pouquinho de Cinema. Depois escolher os typos, e assim por diante. Já vêm pois que vamos cahindo forçosamente na questão do scenario, e é por isso que eu quero entabolar com vocês uma palestrasinha a respeito.

Para se escolher uma historia, um conto ou uma novella de preferencia, eu affirmo a vocês todos que se precisa de muita calma e de muito bom-senso. A novella precisa antes de mais nada estar de accôrdo com os typos de que a gente dispõe; não se deve adaptar o "artista" (A estrella neste nosso caso tem que ser a nossa amiguinha da esquina; o galã tem que ser o estudante de humanidades dali de defronte; e o villão pôde ser o sujeito mais pirata que a gente conhecer. E' comico, não ha duvida, mas tambem é assim que se começa...) que nós convidámos para tomar parte na nossa "super" ac typo da historia escolhida, mas sim adaptar o typo dessa historia ao do "artista" que vae trabalhar.

Quantas vezes, digam lá, não se têm visto produções e produções estragadas só porque

## O Desenvolvimento do Cinema de Amadores no nosso PAIZ

### A Questão de Scenario

o nosso artista preferido está "deslocado" ou só porque o "papel não foi para elle"? Isso já é tão sabido que nem vale a pena que eu me preocupe com o assumpto. Para que, si todos vocês já comprehenderam o alcance do ponto que eu quero attingir? Vamos portanto voltar ao outro assumpto, isto é, como escolher uma novella de accôrdo.

Essa novella tem que ter acção. E' esse o primordial. Sem acção, sem uma suspensão que atraia, sem um climax forte, não se poderá obter um assumpto digno.

Eu para dizer a verdade, conheço pouco a nossa litteratura; creio que vocês mesmo, guiando-se pelo que eu suggiro, poderão, melhor do que eu proprio, imaginar uma historia adequada. Entre os autores, cujas obras passaram para a tela, e cujos romances e novellas eu tenho nas minhas estantes, posso citar: Mary Johnston, autora de "To Have and To Hold" ("Entre o Amor e a Espada"); Cynthia Stockley, autora de "Poppy" ("Papoula Viciosa"); Vicente Blasco Ibañez, autor de "Entre Naranjos" ("Torrent" ou "Laranjaes em Flor"), "Los Cuatro Jinetes del Apocalipsis", "Mare Nestrurn" e "Sangre y Arena"; Sir Arthur Conan Doyle, autor de "Sherlock Holmes" e "The Lost World" ("O Mundo Perdido"); Hall Caine, utor de "The Christian" ("O Apostolo) que a Goldwyn apresentou aqui no Rio em 1920 com Richard Dix no papel principal, e de "The Prodigal Son" ("O Filho Prodigio"); Gaston Leroux, autor de "Le Mystère de la Chambre Jaune" ("O Mystério do Quarto Amarello") que nós vimos no Cinema Parisiense no anno de 1922, e muitos outros cujos nomes não me occorrem agora.

Mas para vocês verem como é difficil a gente escolher uma historia, uma novella curta que possa attrahir completamente a attenção do espectador, basta um exemplo. Esse exemplo eu vou dar a vocês em forma de uma historia um pouco tetrica mais bem interessante. Queiram vocês escutar:

"Um homem retrahido, apreciador da solidão do seu Mermaide Club, um typo talvez um pouco exultante porque não falava com os outros membros do seu club, chega certa noite ao mesmo. Para lá passar uma noite; bate a porta.

— Quem é? pergunta o porteiro.

— Sou eu, Clayton; preciso sahir amanhã mais cedo e por isso resolvi passar a noite aqui.

O porteiro attende e leva-o para uma das accomodações que sempre se encontram nesses clubs inglezes. Clayton sóbe ás escadas, depois de ter tomado o seu whiskey e fumado o seu charuto e procura deitar-se; mas, não sabe porque, não sente somno.

Como é natural, senta-se no mapple e procura distrahir-se lendo um livro; mas subito sente a falta de qualquer coisa. Levanta-se para ir ao banheiro spanhar o copo de lavar os dentes, que tinha deixado lá; abre a porta que dá para o corredor e quasi cae em cima de um vulto transparente, exultante, sem consistencia definida, que elle vê perfeitamente. Clayton se acha compenetrado em um segundo de que tem em sua frente... um phantasma.

— O senhor é membro do club? indaga.

E depois, lembrando-se que se trata de um phantasma:

— Porque está o senhor aqui?

Neste ponto o phantasma resolve contar a sua historia; e, levado por Clayton para o seu quarto, lá o phantasma se explica. Fora indu-

zido a vir até o club por causa de ter sido o edificio do club o teatro de uma phase de sua vida; mas tinha sido transportado do mundo dos fantasmas para o mundo humano por meio de passes; e agora, não se recordando exactamente de como eram feitos esses passes, estava numa situação terrivel, sem poder voltar para o seu logar.

Clayton, procurando desvencilhar-se delle, ordena:

— Experimente, então!

O fantasma experimenta e sendo bem succedido, desaparece...

Passa-se a noite.

Pela manhã, chegando outros membros do club, Clayton, ainda emocionado, conta-lhes a sua historia; como é natural, todos recebem-na com incredulidade. E então, levado pelo desejo de mostrar aos seus confrades e amigos que não estava mentindo, Clayton procura reproduzir deante dos seus ouvintes os os passos realizados pelo fantasma.

A' proporção que vae realizando esses passes exprimindo uma attenção na physionomia pallida sobrenatural, fóra do commum; a tensão de espirito é tremenda: os ouvintes, curvando-se para a frente, vão seguindo a série de passes exprimindo uma attenção na physionomia que é a de um terror progressivo; o circulo vae se apertando em torno de Clayton; os ouvintes dão-se as mãos. E então...

No mesmo momento, em que Clayton termina os passes, sacudindo os braços para a frente em um espasmo typico, seja por causa dos encantamentos, seja por causa de uma apoplexia fulminante, elle muda de expressão, torna-se rigidio, cambaleia, e cahe deante dos seus ouvintes... morto!

Esta historia que vocês acabam de ouvir é a "Historia do Fantasma Inexperiente" da autoria de Henry G. Wells; não ha duvida, isso é indiscutivel, que a historia tem muito interesse. O "climax" é de uma contextura

reclamante  
atrahen-te.  
Quem não  
se sente atra-  
hido por  
uma histo-  
ria dessas  
em que um  
homem, pre-  
tendendo  
provar  
uma coisa  
tomada pe-  
los seus ou-  
vintes como  
um conto  
de fadas, cae  
deante  
delles real-  
mente...  
morto?

Mas... e  
aqui chega o  
ponto em que  
eu quero to-  
car: onde está  
o elemento  
amoroso?

Onde está tem-  
perç in dispen-  
sa vel em  
todo film  
cinema-  
tographico?  
E' preciso in-  
troduzilo, for-  
çosamen-  
te; e, dahi, a  
questão do  
tratamento  
artístico, para  
depois então  
se entrar no  
scenario.

Aliás eu tomei  
essa historia do  
"Fantasma Inex-  
periente" apenas  
como exemplo,  
porque está visto  
(Termina no fim  
do numero)

GEORGE K. ARTHUR  
TAMBEM E' AMADOR  
DE CINEMA

